

O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICACOES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

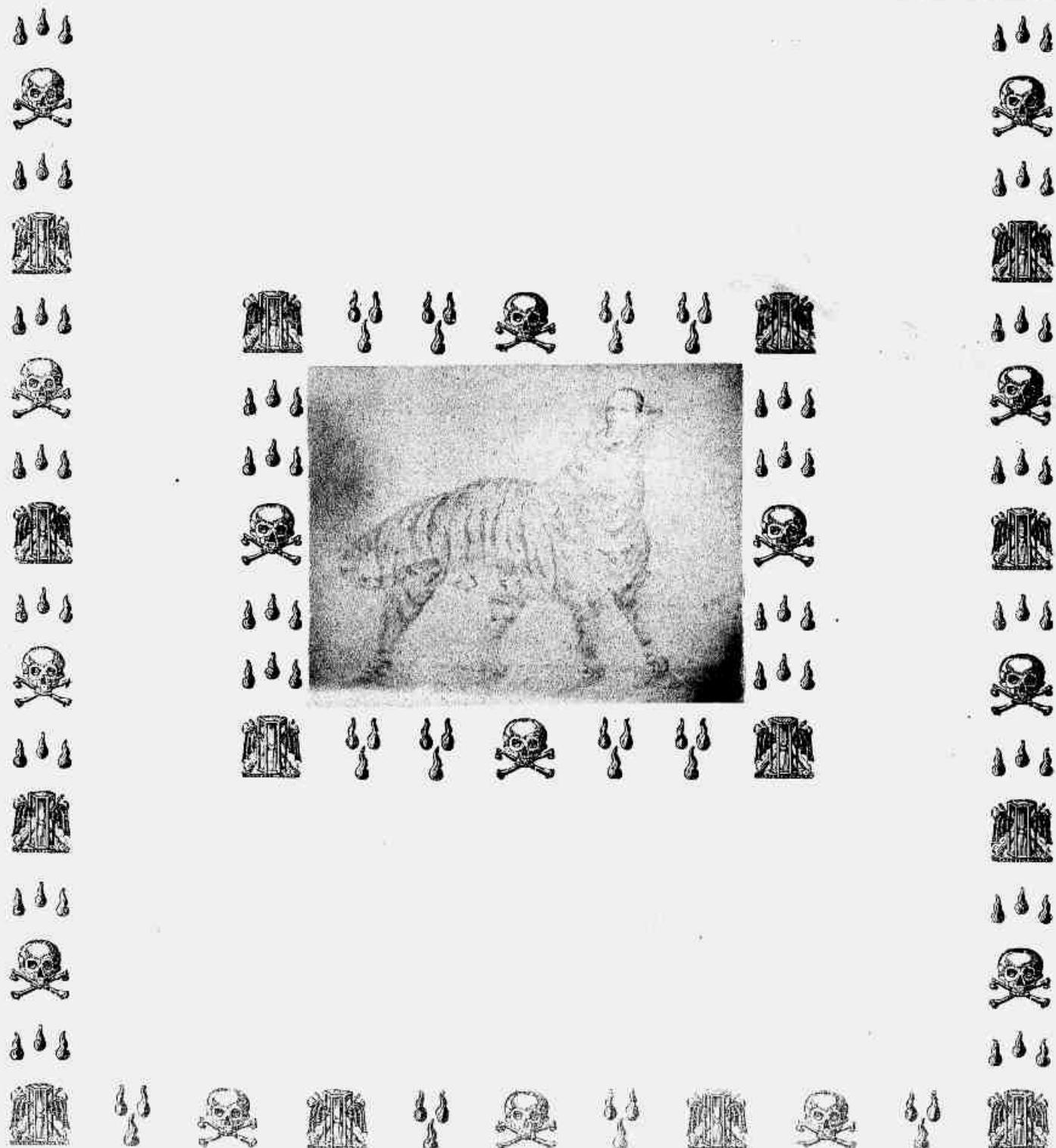
PUBLICASE SEMANALMENTE.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 18000 MENSAS.

Anno I.

Fortaleza — Sexta-feira, 22 de Fevereiro de 1878.

N. 34



MANCHADO

O TIGRE REAL.

O tigre real, tem quasi o tamanho do leão, mas é mais esbelto e mais comprido; tem a cabeça redonda; a sua pelle é de um louro vivo marchetado transversalmente com listas negras, e não tem juba. É o soberano do mundo animal da Ásia oriental e meridional, e é de todas as feras a mais terrível e sanguinaria. Os naturalistas atribuem-lhe a desaparição dos camelos e cavallos selvagens das steppes da Ásia, e em geral o desaparecimento da fauna d'estas regiões. A sua patria é o sul da Ásia, principalmente as grandes florestas da Índia oriental; encontra-se todavia no norte até as margens dos rios Obi e Lana, e no occidente até ao Cáucaso. A sua força indomável faz d'elle o terror dos homens. Arroja-se de improviso sobre os camelos, os touros e os homens; não teme nem o numero nem a superioridade dos adversarios. É uma das feras mais valentes e audazes. Quando o tigre está farto é muito covarde e não ataca aos homens. As feridas que elle faz são quasi todas mortaes, porque são muito profundas e difíceis de curar.

Os tigres pequenos são susceptiveis de alguma educação e podem ser domesticados; porém nunca mostram a nobreza, a independencia do leão; conservam-se hypocritas e servis, à maneira dos gatos; algumas vezes habituam-se, como o leão, à companhia dos cães.

(Da *Historia Natural.*)

O RETIRANTE.

FONTELAZA, 22 DE FEVEREIRO DE 1878.

Tolerare, leitores, a virulencia da nossa linguagem: desculpae o excesso de nossa franqueza: hoje tudo é desculpavel...

Todo aquelle que sente pulsar no peito um coração nobre, humanitario e generoso deve extasiar-se de satisfação e boiar à tona de um mar de gosos.

Cahio o presidente verdugo e cahio como um infame... tombou para o ceccaso do nada, para não mais erguer-se, palido e desfigurado como uma bacchante n'uma noite de orgia ! ...

Para as carunchosas paginas da velha historiæ, que é a photographia dos tempos idos, passou o nome de um scelerato, verdadeiro flagicio da humanidade e que ha tingido de infamia a nossa cadeira presidencial; que rio-se sobre as ultimas convulsões de milbares de cearenses agonisantes; que foi o maior propagador e auxiliar da prostituição:—o mais tyranno e algoz de um povo de cordeiros ! Chama-se esta peste nauseabunda—este corvo dos cearenses—*João José Ferreira de Aguiar !*

Pernambuco, patria do heróes, envergonha-vos, por que dizem, que aquelle monstro abjecto, o caudilho assassino é vosso filho !

Regosijae-vos cearenses e cantae hosanas ao Deus das alturas, por que não mais sugará o vosso sangue a vil hyena, mandada pelo Sr. Cotelipe, o tigre famelico que a nossa primeira pagina fica estampado.

Nao podíamos deixar de photographar o malvado thug dos nossos patrícios, sem incorrermos n'uma grande censura.

Ahi fica elle pois, com as suas formidandas patas com que ha massacrado milhares de esqueletos famintos; suas garras sanguinolentas cravadas inumeras vezes na garganta popular; no seu olhar baciado vê-se a phosphorecencia sinistra e tetrica da fera, quando, traicoeiramente, agacha-se, ergue a cauda alegremente, para lançar o bote certeiro sobre a incauta presa e estangulal-a; a sua encanecida cabeça que só devia inspirar respeito como o impunham as velhas cabeças spartanas; o seu rosto descarnado e esqualido que devia inspirar compaixão—inspiram tão somente—asco, horror, tedio e repugnância ! ! ! Pela casca se conhece o pão.

Fica, pois, o nosso triste heróe ahí photographado e à mercê da execração publica!

Ecolhemos para engastar a cabeça do *sympathico da Constituição*, do abutre d'este povo, de preferência á panthera—o tigre, por ser este um animal desbriado, cobarde, hypocrita e servil !

Avante, povo, erguei hosanas mil aos céus por ter sido expurgado d'entre vós o vosso algoz, o flagello d'esta província, o presidente mercenario—o sombrio assassino de vossos pais, esposas, mães e filhos, pequenas creancinhas, e o protector de milhares de Lovelaces e D. Juans !

Hosanas !

Consummatum est !

Já não é presidente do Ceará o execrando—João José Ferreira de Aguiar !

Por decreto de 9 do corrente foi o *illustre conselheiro* exonerado d'este espinhoso cargo, sendo substituído pelo nosso compatriota Dr. José Julio de Albuquerque Barros.

Durante quasi tres mezes que S. Exc., desgraçadamente, governou esta província, digna por certo de melhor sorte, nada mais fez do que associar-se a meia duzia de vis especuladores que, infelizmente, existem entre nós, mas que apezar de propalarem-se *patriotas e humanitarios*, tornam-se bem conhecidos pelas suas luvas de pelica e fardas agaloadas...

Não satisfeito ainda com isto, constituiu-se socio commanditario de uma infame *cotegipada livrarentina* que fez levantar em Pernambuco, assassinando assim, vil e miseravelmente o comércio do Ceará, que hoje cbre de maldição aquelles, que, para adquerirem fortuna não trepidaram em calcar á pés a sorte de tantas victimas.

S. Exc. retira-se d'esta província com a sua farda salpicada de sangue cearense e a consciencia cheia de remorsos pelos inumeros assassinatos, que á fome commeteu durante seu curto e nefando reinado.

Renunciando o Sr. Barão do Ibiapaba a assumir as redeas da administração na qualidade de 1.º vice-presidente, e achando-se ausente o 2.º, o Sr. Aguiar acaba de passal-a ao 3.º, Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca.

A notícia da exoneração de S. Exc. foi recebida com geral satisfação, e até a própria natureza, que ha 21 mezes nos era contraria,—chorou de prazer e contentamento: abriram-se as cerradas cataractas do céo !

O *Retirante*, associando-se ás justas manifestações publicas, saúda a província, ao comércio e ao povo cearense por tão faustoso acontecimento.

Hosanas ! Hosanas !

A PEDIDO.

Quem sou eu.

Sou uma fôra sedenta
Que o vulgo chama—Aguiar;
Tenho o corpo de jaguar
E cara de homem *sensivel*.
Sou monstrinho e dos cadav'res
Ao bom cheiro inchô as narinas;
Mas faltam presas lupinas
E o aspecto airoso, horrivel.

Por outro lado—melhor
Foi doar-me a natureza
Este gesto que a fereza
Disfarça dos maos instinctos:
D'est'arte, quando me apraz,
Por estas faces rugosas
Descem gottas mentirosas
Que valem pão aos famintos.

De mais o perfeito tigre
Exposto dorme ao relento;
Mas eu (ah !), eu tenho assento
Num palacio e mil respeitos,
Mil disvelos delicados.
Baros embora os que os rendem
As avessos dos que vendem
Por alto preço os seus preitos.

Entretanto ou seja manha
Ou bondade o que elle sente,
Este povo é paciente,
Qual manso, lanso gado
É tanto que envelhecido
Por bicho tal como eu,
Nem de vergonha morreu,
Nem bradou :—Fóra o malvado !

Da fatal calamidade
Associei-me á crueza,
E d'esta vil natureza
Fartei, a mais não poder,
O gosto de devastar.
A fome, a deportação
Co'a socia prostituição
Deram-me *gaudio a valer*.

Agora parto e convicto
Que hyena, lobo ou jaguar
Aqui podem governar,
Podem o povo extinguir
Sem temer que a voz levante
Esta gente mal fadada
Esta gente abençoada
Que em paz me deixa partir.

Retrato do Sr. Aguiar, o miserável assassino do povo cearense.

I.

Ei-lo no inferno vestido em grande gala,
A posse do reinado o vice-rei tomou,
Mas antes de sentar-se no throno encandecente,
Com toda caxemonia, Satan o retratou;

Vestia elle calças vermelhas apertadas,
Jaleco de veludo da cõr de urucú,
Botas verde claro, occultam o pé de cabra,
Chapéu armado em forma de azas de urubú.

O throno era de ossos, em cima de caveiras,
E feito inda de ossos estava esta inscripção:
—Maldito sejas tu por toda eternidade,
As victimas tuas pedem eterna maldição.

E no som de mil gemidos, rouquenos fatigados,
Cavernosa voz s'ouvia dizendo—quero pão,
Vagidos de creança, de fome amortecidos,
Gritos, desespero, eterna confuzão.

II.

Chegou a hora aprasada,
P'ra função principiar.
Cantava a *leviandade*
Vamos ver se retratar,
O vice rei do inferno,
O Ferreira de Aguiar,
Qu' encarregou-se na terra
De um povo assassinar.

Satan em pé junto a télia,
Traz o pincel corrupção,
E pede tu, despotismo,
A infamia negro carvão !
Vinde sombras errantes,
As cores as mais frizantes
Sobre a télia derramar,
E vem tu vício nefando,
A cara vil esboçar.

Traz a lama das latrinas,
A podridão d'hospitaes,
Vae depressa traz o lixo
Do pego das saturnaes,
E vem tu perversidade,
Traz a intriga, a maldade,
P'ra primeira sombra dar.
Em quanto o roubo, a má fé,
O furto, a deshonra, em pé
Estejam p'ra m'ajudar.

N'um canto em mil caretas
Estava a descarcação,
Ouvindo sorrindo as petas
Do cynismo seu irmão.
E a mentira de casaca,
Cassava do bigode
Do Ferreira de Aguiar.
E perguntava baixinho,
Ao estupro seu vizinho
Que tal é o Calabar.

Chegou o coxo diabo,
Junto da télia e sorriu,
E rabiscada de mestre,
Para dar elle pediu.
Quero a boceca cavernosa,
Immunda, feia, asquerosa,
Com todo mimo traçar.
Venha a baba das serpentes,
Dos reptis mais indecentes
Para poder pincelar.

A indecencia de roupão,
Para frente se chegou
E na cara da infamia,
Seu pincel também molhou.
D'um traço fez os sobrolhos,
Deu mais outro fez os olhos,
Pequeninos de velhaco,
N'um canto ria o cynismo
Ah ! por ver que strabismo
Tinha um olho do retrato.

Bateu palmas a inveja,
Entrou pizando faceira,
A Satan pediu licença
P'ra pintar a cabeleira,
E na boceca da deshonra,
P'ra lhe dar tamanha honra,
Foi sua tinta tirar.
Deu-lhe cór agrisalhada,
Fez borrões, esma pastuda,
Depois de tudo borrar.

Cantemos agora, pequenos diabos
Grilava a orgia, de vinho a cahir;
Pintaram os pintores a cara do rei,
Os olhos piscando, a boceca à sorrir.

Enfatuado e sizudo,
Teve ingresso o galvanismo,
E algumas palavras disse
Ao ouvido do cynismo.
Seguiu depois para télia,
E também uma esparrella
Na cara do rei foi dar,
Fez-lhe barbas de chinello.
Como as d'um polichinello,
Que em Paris viu dansar.

Agora Senhores, findou-se o retrato,
Gritou Satanaz, contente, a sorrir.
Podeis retirar-vos meus caros pintores,
O rei agradece, o vosso servir.

Despedida do Sr. Aguilar.

I

Porca canalha que andass na rua,
Chegou a hora, apresentae-vos toda,
Bem reverente, comprimente a monstro
Que acaba agora de apeiar-se rindo
De um throno feito de ossada humana
Traga, vos peço, como prémio ao mérito,
Grande grinalda de capim bem verde
Na fronte deitem do bestial sendeiro.
E tu oh fome que de braço dado
Com a miseria pela rua andaste
Chorae, o vosso protector infame
Cahiu p'ra sempre no paul do crime,
Talvez p'ra nunca se erguer mais, juro,
Se a negra tumba o espera ha muito.

II

Tremei perverso, corrompido velho,
Ah ! n'esta idade em que a morte é certa,
Vil profanaste tuas barbas brancas.
No sangue quente de milhares d'homens
Que p'ra salval-os enviado foste.
Tremei infame, quando um dia fores,
Enfermo em leito de agonia lentas,
E que ouvires o gemer das victimas
Que immolaste como algoz sem dó.
Mas este povo que succumbe à fome,
Não pôde o braço descarregar de ferro
Sobre esta fronte deshumana e vil,
Porém a lama das latrinas podre
Lançar na cara do verdugo atroz
Em recompensa d'um cruel governo,
Em desagravo de tamanha offensa

Tremei infame, e o que dirá um dia,
Quando encontraras nos bordéis perdidas,
Vendendo o corpo, estas virgens d'hoje,
Que pela fome obrigadas são,
A cahir de chofre no immundo alcouce !
Se te acuzarem, como seu verdugo,
O que dirás deshumano velho,
Talvez lhes dê uma rizada fria,
Como a que agora em resposta têm,
Os que à fome perdecendo pedem
Uma migalha pelo amor de Deus.
Nem um momento d'arrependimento ao menos,
Tem este Nero, coração de pedra,
Vil consciencia, calejada, ingrata,
Alma perdida na tremenda noite
De crime, infamia, corrupção e vicio.

III

Ide canalha, a mais vil relé,
Marcae a vibora com o ferrete negro,
A mais corrupta que imaginar se possa.
As cães que ornam a maldicta fronte
Lancae à lama a mais podre, jumunda
Que é pouco ainda, e de mais é digna...

Soneto

Mil emboras, João—renome eterno
N'este bom Ceará tens conquistado.
Entrouza agora, vae-te, e mais folgado,
Bemdize a secca, que te trouxe inverno.

Sobre alto pedestal d'ossos formado
Os evos te verão, Nero moderno,
Por harpa, desprendendo accento terno
Do grato birimbão, (*) dos teus legado.

Cotegipe, Masset e Januario,
Commandita fatal, que engano ou rixa
Inspirou-te da morte este operario ? !

Produção da maldade ou fosse espicha,
Cá nos veio aggravar nosso fadario
O monstro, o sem pudor—pelle de lixa.

Motte.

Breve a hyena se vae
Para o seu tremendo algar.
O vice-rei de Satan
Vae o seu antro habitar.

Glosa.

Ceará todo exultae !
Escrevi no livro d'ouro
Da historia—vosso thesouro:
Breve a hyena se vae.
Altisonante bradae :
Findo é todo o meu pezar,
Pois se retira o jaguar,
O Aguiar execrando,
Este monstro miserando,
Para o seu tremendo algar.

Intercedei com afan
Ao vosso Deus Eterno
Que mande já ao inferno
O vice-rei de Satan.
Surja ridente manhã
Após tamanho penar !
Que o maldicto Aguiar,
—Est'abutre sanguinario,
—Este velho sedentario,
Vae o seu antro habitar.

(*) Instrumento feito de um arco de pão e uma corda de arame, na qual os africanos tocam batendo com um ponteiro.